



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO, DIVERSIDADE E INCLUSÃO
PRÓ-REITORIA DE PÓSGRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA
SECRETARIA DE PÓS-GRADUAÇÃO CESAD
REDE DE ALTOS ESTUDOS EM SEGURANÇA PÚBLICA
ESPECIALIZAÇÃO EM DIREITOS INFANTO-JUVENIS NO AMBIENTE ESCOLAR
(ESCOLA QUE PROTEGE)

ANDRÉ DE JESUS SANTANA
ERIKA MAYRA PEREIRA DOS SANTOS

**VIOLÊNCIA VERBAL CAUSA VIOLÊNCIA REAL: ALTERNATIVAS DE
MUDANÇA PARA O CULTIVO DA PAZ NA ESCOLA ESTADUAL SANTOS**
DUMONT

São Cristóvão – SE
Janeiro de 2016

**ANDRÉ DE JESUS SANTANA
ERIKA MAYRA PEREIRA DOS SANTOS**

**VIOLÊNCIA VERBAL CAUSA VIOLÊNCIA REAL: ALTERNATIVAS DE
MUDANÇA PARA O CULTIVO DA PAZ NA ESCOLA ESTADUAL SANTOS
DUMONT**

Trabalho de conclusão de curso apresentado em forma de Plano de Intervenção em cumprimento a uma das exigências para obtenção do título de especialista no Curso de Especialização em Direitos Infanto-Juvenis no Ambiente Escolar (Escola que Protege).

Eixo temático: Violência, drogas e evasão escolar

Professora Orientadora: MSc. Agnes Santos Melo

**São Cristóvão- SE
Janeiro de 2016**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Santana, André de Jesus, 2016

Violência verbal causa violência real: Alternativas de mudanças para o cultivo da paz na Escola Estadual Santos Dumont / André de Jesus Santana, Erika Mayra Pereira Santos. – 2016. 54 f. : 30 cm.

Orientadora: Prof .MSc. Agnes Santos Melo.

Plano de Intervenção / Monografia (lato sensu) – Universidade Federal de Sergipe / Centro Superior de Educação a Distância. Eixo temático: Violência, drogas e evasão escolar. 2016.

1. Ambiente escolar. 2. Agressão verbal. 3. Projeto de intervenção. Melo, Agnes. II. Violência verbal causa violência real: Alternativas de mudanças para o cultivo da paz na Escola Estadual Santos Dumont.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO, DIVERSIDADE E INCLUSÃO
PRÓ-REITORIA DE PÓSGRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA
SECRETARIA DE PÓS-GRADUAÇÃO CESAD
REDE DE ALTOS ESTUDOS EM SEGURANÇA PÚBLICA
ESPECIALIZAÇÃO EM DIREITOS INFANTO-JUVENIS NO AMBIENTE ESCOLAR
(ESCOLA QUE PROTEGE)

COMISSÃO JULGADORA

Plano de Intervenção do/a docente André de Jesus Santana e Erika Mayra Pereira dos Santos intitulado VIOLÊNCIA VERBAL CAUSA VIOLÊNCIA REAL: ALTERNATIVAS DE MUDANÇA PARA O CULTIVO DA PAZ NA ESCOLA ESTADUAL SANTOS DUMONT defendido e aprovado em XXXXXXXXXXXXXXXX pela banca examinadora composta pelos seguintes professores:

(Examinador/a 1)

(Examinador/a 2)

Orientadora Prof.^a MSc. Agnes Santos Melo - Universidade Federal de Sergipe

AGRADECIMENTOS

Ao Deus todo poderoso, por sua compaixão e força nos momentos difíceis,

À Manoela, ao coordenador do abrigo e diretora da escola que entrevistamos e ao membro do comitê pedagógico da Escola Estadual Santos Dumont e a nossa comprometida orientadora Prof^a MSc. Agnes Santos Melo por suas valiosas contribuições para a conclusão deste trabalho.

RESUMO

O presente projeto trata-se de uma proposta de Plano de Intervenção, o qual tem como principal objetivo fazer o enfrentamento da problemática violência no ambiente escolar por meio da execução de atividades práticas de maneira lúdicas e interativas, tendo como público-alvo os alunos do 6º e 7º anos do turno vespertino da Escola Estadual Santos Dumont que fica localizada na zona de expansão de Aracaju. Este plano foi elaborado a partir da observação na escola, através de relatos de professores, alunos e vigilante, bem como da análise das demandas sobre violência naquela instituição de ensino, dando enfoque para violência verbal, por ser a principal causadora dos agravamentos das situações de conflitos e tensões, levando muitas vezes à violência física no ambiente de ensino. Resolvemos tratar da violência verbal e apontar possíveis soluções por meio de nossa proposta intervencionista, por ser o tipo de agressão que ocorre com mais frequência neste local.

Palavras-chaves: Ambiente escolar. Agressão verbal. Projeto de intervenção. Escola Estadual Santos Dumont.

ABSTRACT

This project comes up with a proposal for Intervention Plan, which aims to combat the problems violence in the school environment through the implementation of practical activities of playful and interactive way, with the audience the students of 6 and 7 years of evening shift Santos Dumont State School which is located in Aracaju expansion zone. This plan was developed from the observation at school, through teachers' reports, students and vigilant as well as the analysis of the demands on violence that educational institution, giving approach to verbal abuse, being the main cause of the worsening of situations conflicts and tensions, often leading to physical violence in the school environment. We decided to deal with the verbal violence and point out possible solutions through our interventionist proposal, to be the kind of aggression that occurs most often in this location.

Key words: School environment. Verbal aggression. Intervention project. Public Scholl Santos Dumont.

LISTAS DE QUADROS

Quadro 01 – Objetivos do Plano de Intervenção	40
Quadro 02 - Programação das Atividades do Projeto de Intervenção	41
Quadro 03 – Cronograma de atividades	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1: REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
1 Enfrentamento da Violência nas Escolas.....	13
2 <i>Bullying</i> : Uma das Principais Causa Da Violência Física Entre Alunos.....	15
3 O Papel da Escola e dos Professores Face ao Enfrentamento da Violência.....	21
CAPÍTULO 2: DIAGNÓSTICO.....	25
1 Da Estrutura e Funcionamento da Escola Estadual Santos Dumont.....	26
2 Sobre a metodologia utilizada.....	27
CAPÍTULO 3: PLANO DE INTERVENÇÃO.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51

INTRODUÇÃO

Entendemos que as questões de conflitos estão relacionadas com a maneira como as pessoas se portam diante dos outros. As relações de hoje são muito conflitantes devido à falta de bons hábitos e boas práticas em que a falta de gentileza do “melhor falar” com os outros acaba por gerar situações desconfortantes de agressão verbal entre os pares.

Como é percebido o conflito faz parte das relações humanas e segundo o autor Crispino (2007, p.29):

Todos os que vivem em sociedade têm experiências de conflito e, desde a infância até a maturidade convivem com o conflito intrapessoal (ir/não ir, fazer/não fazer, falar/não falar, comprar/não comprar, vender/não vender, casar/não casar etc.) ou interpessoal (briga entre vizinhos, separação familiar, guerra, desentendimento entre alunos etc.).

Diante do exposto acima procuramos entender e apresentar propostas mediadoras para a comunidade escolar a qual faz parte do nosso objeto de pesquisa a Escola Estadual Santos Dumont, comunidade que está localizada na zona sul, especificamente no bairro Aeroporto, zona de expansão da cidade de Aracaju. Percebemos que os jovens inseridos no contexto escolar dessa comunidade, apresentam problemas de ordem de convívio social, muitos se agredem verbalmente por questões fúteis como por torcerem por determinada agremiação de futebol, por se destacarem durante as aulas, meninas que se acham mais “bonitas” do que outras brigam por causa de namorados. Observamos também que maior parte da comunidade escolar é composta por filhos de ex-alunos, enfatizando assim, a necessidade de um trabalho diferenciado visando à promoção e o desenvolvimento das futuras gerações de alunos bem como uma melhor orientação para um convívio pacífico entre os pares.

Na atual sociedade, permeada por histórias contínuas de violência, os jovens seres em processo de desenvolvimento, precisam constantemente estar orientados no que diz respeito ao bom convívio e tolerância em seu contexto social, para tanto, não só o profissional da educação, como também a escola, família e a comunidade, necessitam estar envolvidas em projetos que garantam bem estar, a formação e a conscientização no que diz respeito a não agressão verbal, como forma de prevenir conflitos mais graves na escola, para isso, exige-se uma maior capacidade de trabalho em equipe por parte da escola,

elaborações de projetos que envolvam esses jovens e o estabelecimento de parcerias entre a família e a comunidade para que juntos possam desenvolver a construção de um ambiente mais pacífico e harmonioso.

OBJETIVO GERAL

Analisar e apontar alternativas para o enfrentamento à violência na Escola Estadual Santos Dumont, por meio de ações intervencionistas de forma contínua, objetivando o desenvolvimento de um novo aprendizado, através da interação, estímulo ao diálogo, e a conscientização para uma convivência pacífica, de tolerância e de paz.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conscientizar alunos e professores sobre as consequências da prática da violência verbal na escola.
- Promover ações que visem dirimir a ocorrência dos casos de violência no ambiente escolar.
- Desenvolver propostas de atividades que visem à interação e a conscientização dos alunos sobre a violência verbal.
- Inculcar através da participação dos alunos no projeto a prática da cultura de paz e da não agressão verbal no ambiente escolar.

JUSTIFICATIVA

O atual contexto social nos leva a refletir a que passos estão às relações sociais, principalmente na escola, pois aí está a futura geração. A partir das observações feitas na Escola Estadual Santos Dumont, verificamos que nessa instituição de ensino há um considerável índice de conflitos gerados por discussões entre alunos, a exemplo dos xingamentos, insultos e palavrões, fatores estes que levam a casos graves como o *bullying*.

É preciso inculcar nesses jovens a cultura do respeito e da tolerância com outro, pois percebemos que os alunos estão inseridos em um ambiente escolar que precisa ser repensado, no tocante a civilidade e ao convívio social. Entendemos que trabalhar as

questões de relacionamento pessoal propõe um melhor amadurecimento para toda a comunidade escolar, procuramos desta forma, através da proposta do projeto de intervenção apresentada contribuir na formação social e individual do aluno a fim de tornar o ambiente escolar menos conflituoso e mais harmonioso.

METODOLOGIA

Para tentar entendermos como a violência verbal tem relação com as agressões físicas no contexto escolar escolhemos a pesquisa na forma qualitativa, que segundo Cervo (1996, p.49) “as pesquisas que se utilizam da abordagem qualitativa possuem a facilidade de poder descrever a complexidade de um determinado problema”.

Buscamos para formulação do nosso trabalho duas técnicas a exemplo da observação e entrevista, pois ambas propiciam maior interação no campo pesquisado.

Para realização desse trabalho entramos em contato com um representante do comitê pedagógico da Escola Estadual Santos Dumont, localizada na Avenida Senador Júlio Cesar Leite, S/N, Bairro Atalaia. Na ocasião, observamos alunos do 6º e do 7º ano da referida escola no mês de julho do ano de 2015 no período vespertino, sendo os alunos todos moradores do entorno escolar.

Através de contatos com outros professores, chegamos até o presidente do comitê pedagógico da Escola Estadual Santos Dumont, o qual depois de alguns telefonemas nos deu a permissão para adentrarmos no estabelecimento e fazermos as entrevistas direcionadas aos professores e alguns alunos das séries citadas acima.

As entrevistas com os professores aconteceram na sala do comitê pedagógico em um horário em que eles estavam livres, não prejudicando as aulas, já as observações e entrevistas com os alunos ocorreram no pátio do colégio durante o intervalo. Os dados coletados nas observações e nas entrevistas nos deram suporte para a elaboração, verificação e posterior execução do presente plano intervencionista. O roteiro das entrevistas, para realizações deste trabalho encontram-se no apêndice deste projeto.

O plano de intervenção aqui proposto, está estruturado em etapas distintas, sendo a primeira essa introdução que aponta algumas problemáticas acerca da violência verbal principalmente no ambiente escolar, a segunda trata do capítulo 1 onde debruçamos em alguns fundamentos teóricos que contribuíram para a elaboração de nosso trabalho, com relação ao diagnóstico contido no capítulo 2 deste projeto, o mesmo foi realizado na escola

Estadual Santos Dumont, localizada no Bairro Aeroporto, Zona de Expansão de Aracaju, foi percebido no momento da observação no referido ambiente escolar, que há um considerável índice de problemas conflituosos causados pela agressão verbal, fator esse que nos levou a refletir e procurar soluções possíveis e exequíveis que pudessem minimizar tais ocorrências e através da contribuição nas entrevistas com alunos e professores é que conseguimos dar corpo a nossa presente proposta intervencionista.

Já no capítulo 3, que versa sobre o Plano de Intervenção em si, procuramos abordar de forma simples e lúdica ações que possam mobilizar e integrar alunos e professores da escola mencionada, no sentido de abordar os males que trazem a violência, como os palavrões, os xingamentos e as consequências que esses tipos de agressões verbais podem trazer, bem como apresentar as ações educativas que proporcionem aprendizado, conscientização e mais harmonia no ambiente da escola. E por fim nas considerações finais, apresentamos de forma resumida o nosso olhar sobre a problemática encontrada e os planos que podem ser traçados como meio de intervir para que problemas mais graves não aconteçam no seio escolar.

CAPÍTULO 1: REFERENCIAL TEÓRICO

1 Enfrentamento da Violência nas Escolas

A violência sempre esteve presente no meio social, mas não com tanta intensidade e de variadas formas com que vivemos no momento atual. Esse comportamento social fere as regras de um padrão normal de conduta em que todos os cidadãos deveriam seguir e pautar-se em suas relações interpessoais prezando pelo respeito mútuo, pela convivência pacífica, buscando a harmonia e a paz social.

No entendimento de Guimarães (2009, p. 83): “a origem da violência humana tem sido objeto de estudo de sociólogos e historiadores, que veem a falta de bens materiais como sendo uma das maiores causas de conflitos entre os homens”. Para esse estudioso os conflitos e a violência, existem desde os primórdios da humanidade, como também já citamos o autor Chrispino (2007, p.29) onde ele afirma que:

Todos os que vivem em sociedade têm experiências de conflito e, desde a infância até a maturidade convivem com o conflito intrapessoal (ir/não ir, fazer/não fazer, falar/não falar, comprar/não comprar, vender/não vender, casar/não casar etc.) ou interpessoal (briga entre vizinhos, separação familiar, guerra, desentendimento entre alunos etc.).

A violência reflete em um comportamento social reprovável, em que impera a lei do mais forte, em total desrespeito, discriminação e desprezo aos seus semelhantes, fere valores humanos que são indispensáveis ao convívio harmonioso em sociedade. Dada à evolução histórica e a diversificação das formas de violência que foram surgindo ao longo dos anos, não se pôde contê-la, de maneira que ela não conseguisse atingir o ambiente escolar, afinal, as crianças e os adolescentes são frutos dessa sociedade violenta e preconceituosa que construímos. Quanto maior for à violência social e familiar, mais evidentes serão os conflitos nas escolas.

A despeito de melhor compreender essa problemática, Charlot (1997, p.55), conceitua a violência assim:

Violência: golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismo. - incivildades: humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito; - violência simbólica ou institucional: compreendida como a falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma

sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos. Também o é a negação da identidade e satisfação profissional aos professores, a sua obrigação de suportar o absentéismo e a indiferença dos alunos.

Diante da definição verificamos que existem vários tipos de comportamentos violentos e que estão presentes rotineiramente nas escolas, sem falar, das agressões e ameaças verbais, físicas ou psicológicas, sofridas por parte dos professores e demais profissionais no ambiente escolar. Essas agressões vêm aumentando a cada dia, deixando professores com medo e apreensivos, tornando-se assunto da mídia televisiva em todo o país.

Em visita de observação à escola com a finalidade de coletar dados para subsidiar este plano de intervenção verificamos que a violência nas escolas é consequência da violência familiar e da violência social como um todo. Foi possível constatar por meio dos relatos tanto de professores como dos alunos que a conduta destes na escola nada mais é que a reprodução daquilo que lhe é transmitido em casa pela família, assim como pelo meio social em que vivem.

A escola é atingida por vários fatores de violência externos que têm causado muita tensão e, até mesmo, agressões físicas e verbais na sala de aula, acaba prejudicando o cumprimento do plano de aula pelos professores, bem como o aprendizado e as relações interpessoais dos alunos.

De acordo com Sposito (1998, p. 60), “a violência escolar expressa aspectos epidêmicos de processos de natureza mais ampla, ainda insuficientemente conhecidos, que requer investigação”. Sendo assim, é preciso intervir no sentido de conscientização dos alunos e professores por meio de palestras, rodas de conversas e atividades lúdicas na escola acerca da violência e das diversas formas de preconceitos, a fim de que possa cessar ou ao menos diminuir esse fenômeno que nos últimos anos tem causado muito medo e revolta a todos que integram esse ambiente.

O enfrentamento da violência nas escolas deve ser pensado de forma conjunta; escola, família e sociedade, visto que o processo de educação também tem que passar por esses pilares, conforme preceitua o art.205 da Constituição Federal de 1988 que é dever do Estado e da família, devendo ainda ser incentivada e promovida com a colaboração da sociedade. Senão vejamos:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Percebemos que o fenômeno da violência no ambiente escolar é um problema que deve ser enfrentado por todos nós, por tratar-se de problema social grave que envolve vários setores da sociedade como a família, o Estado e a própria escola. Todos estes entes têm o dever legal de fazerem o enfrentamento dessa situação de forma conjunta e não podem deixar a responsabilidade de resolver todos os conflitos só a cargo das escolas.

Desse modo cabe a todos da comunidade escolar estimularem a discussão de questões sobre que tipo de contribuições cada um pode fazer no sentido de ampliar as estratégias que contribuam para a formação desse jovens a fim de que seja semeada uma cultura de paz nesse ambiente tão “sagrado” que é a escola, onde todos se encontram, vivem seus momentos e partilham seus saberes.

2 *Bullying*: Uma das Principais Causa Da Violência Física Entre Alunos

Estudos apontam que a violência dentro das escolas se intensificou demasiadamente nas últimas décadas, chamando a atenção de muitos estudiosos, principalmente nas áreas de educação, segurança, e saúde. Nesse conjunto situa-se a problemática envolvendo alunos crianças e adolescentes, denominada, em geral, por *bullying*, palavra de origem inglesa para a qual não existe um correlato específico na língua portuguesa, sendo a tradução mais próxima, em termos de significação, o termo intimidação (FANTE, 2005).

O termo *bullying* compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outros, causando dor e angústia executada dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais que tornam possível a intimidação da vítima.

Segundo um artigo publicado na Revista Construir Notícias N. 40, p.5,

Por não existir uma palavra na língua portuguesa capaz de expressar todas as situações de *bullying* possíveis, a seguir, algumas ações que podem ser caracterizadas como uma atitude de *bullying*: colocar apelidos, ofender, zoar, gozar, encarnar, sacanear, humilhar, fazer sofrer, discriminar, excluir, isolar,

ignorar, intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, amedrontar, tiranizar, dominar, agredir, chutar, empurra, ferir, roubar.

Entendemos também que parte desse processo violento se dá por diversas mudanças como afirma Gabriel Chalita (2007, p.27)

Esse comportamento agressivo tem sido observado nas escolas e , por isso, é motivo de preocupação de pais e educadores já há algum tempo, porque demonstra que está faltando afeto nas relações entre crianças e adolescentes, possivelmente em razão de problemas familiares. A falta de diálogo e de respeito parece ser a origem da agressividade infantil e juvenil, um problema que começa a ser discutido com mais intensidade diante do aumento da violência no mundo inteiro.

O *bullying*, é um grave problema e está presente em todos os contextos escolares, como escolas públicas e privadas de ensino primário ou secundários, em zonas rurais ou urbanas, mas infelizmente algumas escolas desconhecem ou não admitem que haja *bullying* em seu ambiente, nesse caso tais instituições de ensino contribuem para o fortalecimento de algo que tem gerado grandes transtornos psicológicos e a te irreversíveis entre os alunos.

Ainda segundo um artigo publicado na Revista Construir Notícias N. 40, p.7,

Quando não há intervenções efetivas contra o *bullying*, o ambiente escolar torna-se totalmente contaminado. Todas as crianças, sem exceção são afetadas negativamente, passando a experimentar sentimentos de ansiedade e medo alguns alunos que testemunham as situações de *bullying* quando percebem que o comportamento agressivo não traz nenhuma consequência a quem o pratica, pode achar por bem adotá-lo.

É necessário que os professores ou outros agentes da comunidade escolar, conversem, observem o comportamento de seus alunos, a fim de tentar coibir ou até mesmo minimizar tais ocorrências, como também argumenta Chalita (2007, p.27)

É fundamental que tanto em casa quanto na escola, a criança tenha a liberdade para dizer o que pensa e o que sofre. O diálogo ajuda a entender o cotidiano do aprendiz o principal sinal de perigo está naquele aluno que vai ficando apático e que se tranca na sua dor sem revelar os sentimentos.

Entendemos que uma possível saída para tal problema da disseminação do *bullying* e ainda corroborando com o pensamento do autor Gabriel Chalita (2007, p.27) que diz o seguinte:

É fundamental desenvolver nas escolas, ações de solidariedade e de resgate de valores da cidadania, tolerância, respeito mútuo entre alunos e docentes. Também é importante estimular e valorizar as individualidades do aluno além de potencializar eventuais diferenças, canalizando-as para aspectos positivos que resultem na melhoria de autoestima do estudante.

A agressão verbal e o *bullying* estão presentes em praticamente todas as escolas no mundo (FANTE, 2005), e seus altos índices de prevalência chamam a atenção. Uma investigação desenvolvida em 28 países constatou que cerca de 40% dos estudantes são intimidados por colegas (Due et al., 2005). Aqui no Brasil, a Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE) demonstrou que 30,8% dos alunos já foram vitimados pelo *bullying* alguma vez (IBGE, 2009). É muito alta a frequência com que esse fenômeno vem ocorrendo dentro das escolas, deixando várias sequelas nas vítimas, observadores, comunidade escolar e sociedade em geral, contribuindo para que ela se propague cada vez mais, tornando-se um problema de saúde pública.

Nós concordamos com Adorno (1999), quando ele afirma que a violência não é um fenômeno natural, mas um fenômeno social. Aduz que a conduta violenta está presente nas em diversas esferas sociais: no lar, no trabalho, nas ruas, nas escolas. Esse fenômeno é, então, uma ação que envolve a perda da autonomia, de modo que pessoas são privadas de manifestar a sua vontade, submetendo-se a outro. No entendimento dele a violência é claramente uma forma de manifestação das relações de dominação, bem como uma negação da liberdade, da igualdade e da vida.

Percebemos que a violência no ambiente escolar, tem sua origem no comportamento social, já que alunos crianças e adolescentes tende a reproduzir os valores que lhes são repassados pela família, pelos meios de comunicação e de modo geral pela sociedade como um todo, afinal eles estão inseridos nela e são seus frutos, ou seja, se a sociedade brasileira é violenta, esse fator não tem como não contribuir para o desencadeamento da violência dentro das escolas.

O cenário que vivenciamos hoje nas escolas, especialmente nas da rede pública de ensino, com a problemática dos vários tipos de conflitos violentos entre alunos e destes para com os professores, dá pra percebermos que esse fenômeno tem ocorrido em razão dos altos índices da violência urbana que tanto amedrontam a todos. Então cabe a todos nós, professor, escola, família e sociedade unirmos forças para fazermos o enfrentamento do problema, já que a origem desse mal não surgiu na escola, sendo dever de todos intervirem no sentido da conscientização das crianças e dos adolescentes a fim de que

possamos ter um ambiente escolar menos conflituoso e violento, capaz de formar cidadãos mais humanos e conscientes que sejam propagadores da paz e da harmonia.

Um dos conflitos recorrentes entre os alunos na Escola Estadual Santos Dumont, são as agressões verbais, as quais em alguns casos, intensificam os problemas relacionados a violência escolar, de modo que ao ser prolongados chegam-se as vias de fato, com ferimentos, ocasionando sérias consequências e danos físicos e psíquicos às vítimas. Chrispino e Chrispino (2002, p. 43) consideram o conflito dessa forma:

O conflito, pois, é parte integrante da vida e da atividade social, quer contemporânea, quer antiga. Ainda no esforço de entendimento do conceito, podemos dizer que o conflito se origina da diferença de interesses, de desejos e de aspirações. Percebe-se que não existe aqui a noção estrita de erro e de acerto, mas de posições que são defendidas frente a outras, diferentes.

É preciso que as escolas criem mecanismos contínuos de diálogos, por intermédio da mediação de conflitos por profissionais devidamente capacitados especificamente para tal finalidade, já que as agressões verbais e o *bullying* são recorrentes nas escolas e tem muitas das vezes avançado para agressões físicas. Isso pode ser resolvido ou amenizado consideravelmente por intermédio da mediação de conflitos no ambiente escolar e propostas de atividades lúdicas que motivem e beneficiem os alunos no sentido de uma melhor aproximação de respeito com o outro, pois a única maneira de se combater o *bullying* é através da cooperação de todos os envolvidos: professores, funcionários, alunos e pais.

Esse é o entendimento de Chrispino e Chrispino (2002), Ortega e Del Rey (2002) que indicam uma maneira de convivência em que a negociação de conflitos seja eficaz e capaz para a resolução de questões violentas no espaço escolar. Elas fazem uma abordagem da importância e da aprendizagem da resolução de conflitos como meta principal a ser atingida à medida que consideramos o conflito como um dos problemas ocultos dentro dos subsistemas de relações no estabelecimento escolar.

Segundo Marinho e Capucho (2007) em artigo publicado na Revista Construir Notícias, N. 40, maio / junho de 2008 p. 11. Entendem que:

Devido à complexidade do problema e ao crescente índice de violência escolar, a problemática da violência escolar não deve ser desvinculada dos altos índices de pobreza e desamparo político, em que vive grande parte da população brasileira.

Ainda sobre o termo *bullying*, a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência - ABRAPIA chama nossa atenção para as consequências a que tal prática pode acarretar nas vítimas. Compreendendo todas as formas e atitudes agressivas, intencionadas e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor, sofrimento físico vexame e angústia.

Extraí-se do conceito acima que os atos são recorrentes entre os pares (alunos) e a relação de diferença e desigualdade de poder entre eles são características muito relevantes, já que é por meio delas que o ofensor amedronta a vítima, chegando até a intimidá-la.

O estabelecimento escolar pode atuar para fazer o enfrentamento dessa problemática estabelecendo o respeito, a harmonia e a paz em seu ambiente por meio de ações que promovam a interação o aprendizado e conscientização dos alunos por meio dos temas que estão relacionados em nossa proposta de execução deste projeto de intervenção. Esse também é o pensamento do autor Meneses (2008, p.23) quando afirma que :

O respeito à diversidade é fator fundamental a um processo educacional de valor humano, a um processo de pedagogia que possa servir à inserção da pessoa em determinado grupo, ou mesmo ao reconhecimento de atos que burlaram princípio de convivência, como quando da ação infracional do adolescente.

Uma das maneiras eficientes e salutar que as escolas devem adotar para fazerem o enfrentamento da violência, *bullying* e a qualquer outro tipo de agressão em seu ambiente, é buscar a mediação dessas formas de conflitos com a ajuda de profissionais especialistas no assunto, já que o problema se tornou muito sério e tem crescido ultimamente em proporções alarmantes. Para tanto, faz necessário o presente projeto de intervenção que tem por objetivo executar ações que visem incutir nos alunos uma cultura de respeito tolerância e paz não só no ambiente escolar, mas também fora dele.

Não se pode continuar convivendo com essa situação nas escolas, tem que ser adotadas urgentemente providências que de fato surtam efeitos, é inaceitável que as autoridades públicas continuem a transferir essa responsabilidade exclusivamente para os professores. Faz-se necessária a intervenção estatal no sentido de mediar e dirimir esses conflitos juntamente com a comunidade escolar.

E como dirimir e mediar os constantes conflitos violentos e discriminatórios vivenciados no contexto escolar? Para responder essa indagação encontramos fartos

fundamentos na brilhante contribuição dada pelos autores de Chrispino e Chrispino (2002, p. 83 e 84) que de forma clara e objetiva elaboraram um quadro-resumo explicitando sua proposta de “Mediação de Conflitos”, como alternativa viável e eficaz no enfrentamento da violência na escola, conforme transcrição que segue abaixo:

Política Pública: introdução da Mediação de Conflito e redução da violência no espaço escolar.

Justificativa: a escola tem sofrido com inúmeros episódios de violência em vários níveis e com conflitos envolvendo diversos atores. Isto tem causado dificuldade para o alcance de seus reais objetivos.

Etapa Principal: criar condições para que a escola possua a cultura de mediação do conflito entre todos os seus atores.

Etapas Necessárias: conhecer a cartografia da violência e do conflito no ambiente escolar por meio de uma Avaliação da Violência Escolar; criar em curto prazo um Plano de Segurança nas escolas; estabelecer a necessidade de adequar lentamente os prédios escolares numa visão de escola segura; capacitar pessoal e mudar a dinâmica da gestão.

Estratégia: Sensibilizar para a necessidade de se discutir o assunto; conscientizar para a necessidade de mudar a maneira como a escola trata o assunto, e operacionalizar ações efetivas para diminuir os conflitos e reduzir a violência escolar.

Abordagem e Parceiros: iniciar discussão junto aos diretores sobre a maneira de ver e entender o conflito e a violência na escola. Construir o processo junto com professores, alunos e comunidade.

Avaliação Final: existência de Plano de Segurança da Escola – “PAS nas Escolas” e a instalação de Mediadores de Conflito no ambiente escolar.

Ganho Indireto: o aprendizado da mediação do conflito na escola torna-se patrimônio cultural do futuro cidadão. Espera-se que esse tipo de cultura possa ser utilizado em outros setores da relação social.

Precisamos incentivar nas escolas a cultura da tolerância e da paz, para que não só os professores como também os alunos deixem de serem vítimas e ofensores e se tornem promotores da paz, do diálogo e da harmonia, tornando-se mediadores de eventuais conflitos que surjam entre eles. O momento atual exige que a escola forme futuros cidadãos conscientes e mediadores da paz.

A agressão verbal e o *bullying*, como principal forma de violência nas escolas têm causado sérias consequências nas vítimas que muitas vezes são irreversíveis, como por exemplo, alunos chamam seus colegas de “baleia”, “elefante” por eles serem obesos ou de “macaco” por causa da cor da pele. Não se pode mensurar tamanha agressão psíquica, moral e ética que esses apelidos provocam no inconsciente; essas ofensas não são ingênuas, têm consequências muito danosas à criança e ao adolescente.

No dizer de Cury (2003), “atitudes preconceituosas como é o caso do *bullying*, produzem graves conflitos que não se apagam, só se reeditam. Ele considera a discriminação um câncer que mancha nossa história há séculos”. Sabemos que o

preconceito e a discriminação são formas de violência, sendo inclusive, considerado crime inafiançável. A problemática da violência nas escolas, onde é marcante também o *bullying* e diversificadas formas de discriminação preconceituosas e raciais que geram conflitos causadores de anomalias irreversíveis nas vítimas. Portanto, esses conflitos devem ser urgentemente eliminados do ambiente escolar, porque esse é um espaço onde as vítimas são geralmente crianças e adolescentes, o que torna a situação ainda mais grave.

3 O Papel da Escola e dos Professores Face ao Enfrentamento da Violência

A escola já não deve continuar ensinando somente a ler, escrever e repetir, já não pode adotar a postura de uma educação tradicional, em que o aluno é um mero receptor e repetidor dos conteúdos científicos formais como ficou eternizado nas lições do mestre Paulo Freire. É preciso atuar na sociedade de forma global, tem de formar cidadãos conscientes e atuantes e que antes de tudo sejam solidários, que sejam capazes de entender, aceitar, respeitar e conviver de forma harmoniosa com as diferenças do outro. É esse o comportamento social que tanto se almeja, mas para que seja atingido é preciso que as escolas desde cedo se preocupem em formar cidadãos com esse perfil e não apenas se preocupem com a mera transmissão do conhecimento científico. (FREIRE, 1987).

O enfrentamento da violência contra criança e adolescente deve ser pensado em conjunto. É uma ação que requer o esforço de todos; família, escola, sociedade e do Estado. Sem dúvidas, o professor é parte integrante e essencial desse conjunto, na garantia da não violação de direitos humanos das crianças e adolescentes, especialmente, daqueles com quem estabelecem vínculos em decorrência da relação professor-aluno e nesse aspecto, tomando por base os Princípios da Teoria de Proteção Integral no estatuto da Criança e do Adolescente, entendemos que um dos princípios que diz respeito à Condição Peculiar de Pessoa em Desenvolvimento, o qual impõe o reconhecimento de que a infância e a adolescência são etapas fundamentais no processo de desenvolvimento de um ser humano.

Se é verdade que ao longo da nossa existência estamos em contínuo processo de desenvolvimento, esse processo é mais intenso e delicado nos primeiros anos de vida, quer no campo cognitivo, físico, psíquico, e até emocional. Tal princípio também exige que estejamos em permanente alerta para o fato de que crianças e adolescentes dependem dos

adultos para que possam exercer e dispor dos direitos tantos daqueles que tem em comum com os adultos como dos outros direitos especiais que lhes são assegurados em razão de sua peculiar condição.

Como exposto acima, torna-se imprescindível que tanto a escola, a família e a comunidade tentem através de ações de projetos de intervenção proporcionar aos jovens a garantia desse direito afim de que eles não cresçam num ambiente inflamado pela agressão verbal e física.

Contudo, não se atribua essa responsabilidade somente aos profissionais da educação, visto que se trata de problema social crônico que requer atenção urgente e especial de todos os poderes constituídos da República Federativa do Brasil para o enfrentamento das diversas formas de violência contra crianças e adolescentes.

É evidente que o professor no ambiente escolar tem muito a contribuir para o enfrentamento desse problema, considerando que lida diretamente com as crianças e adolescentes em sala de aula, tendo a oportunidade de perceber possíveis agressões físicas ou psicológicas sofridas por seus alunos dentro ou fora do ambiente escolar, a fim de que em um primeiro momento procurem dialogar, conscientizando-os das consequências que a violência e o *bullying* acarretam na vida das vítimas. Tendo ainda, o professor e a escola como um todo, o dever de fazer os encaminhamentos necessários aos órgãos de proteção.

O envolvimento de professores, pais e alunos é de fundamental importância para a implantação de projetos de redução da violência e do *bullying*. A participação de todos visa estabelecer normas, diretrizes e ações coerentes. As ações devem priorizar a conscientização geral; o apoio às vítimas de *bullying*, fazendo com que se sintam protegidas; a conscientização dos agressores sobre a incorreção de seus atos e a garantia de um ambiente escolar sadio e seguro (NETO, 2005, p. 169).

O professor como ator social envolvido na problemática criança e adolescente e transmissor do conhecimento têm o dever de denunciar, comunicar ou até mesmo fazer encaminhamento de casos de violência ou qualquer tipo de vulnerabilidade vivida por seus alunos crianças e adolescentes. Trata-se de um dever legal, estabelecido no Estatuto da Criança e do Adolescente, não cabe ao educador escolher se denuncia ou não, porque não é um ato facultativo/discricionário, mas sim obrigatório/vinculado.

Diante da verificação de qualquer tipo de violência ou de negligência que ponham em risco à vida, à imagem, à integridade física e psicológica das crianças e dos adolescentes o professor não pode ficar inerte, tem que adotar as providências cabíveis

levando os fatos ao conhecimento das autoridades competentes. Tal entendimento está em perfeita harmonia com a norma imposta no Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu artigo 245:

Deixar o médico, professor ou responsável por estabelecimento de atenção à saúde e de ensino fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar à autoridade competente os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente: Pena - multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência.

Com os argumentos postos, não resta dúvidas que o professor tem o dever legal juntamente com o responsável pelo estabelecimento de ensino de levar ao conhecimento das autoridades competentes qualquer forma de violência ou negligência vivida pelas crianças e adolescentes dentro ou fora da unidade do ambiente de ensino. O problema é que, a formação de nossos professores objetivou apenas a transmissão do conhecimento científico/formal, e não se buscou trabalhar durante a formação profissional destes as relações interpessoais.

A compreensão é a um só tempo meio e fim da comunicação humana. Entretanto, a educação para a compreensão mútua. Considerando a importância da educação para a compreensão pede a reforma das mentalidades. Esta deve ser a obra para a educação do futuro. A compreensão mútua entre os seres humanos quer próximos, quer estranhos, é daqui pra frente vital para que as relações humanas saiam de seu estado bárbaro de incompreensão. Daí decorre a necessidade de estudar a incompreensão a partir de suas raízes, modalidade e seus efeitos constituiriam, ao mesmo tempo, uma das bases mais seguras da educação para a paz, à qual estamos ligados por essência e vocação. (MORIN, 1999, apud MENESES, 2008, p.25)

Atualmente, os professores vivem um momento muito crítico em sua carreira nas salas de aulas, com constantes agressões e diversificadas formas de violência entre alunos e destes para com àqueles e os casos de violência são os mais diversos possíveis, que vai desde alunos que atiram com arma de fogo nos professores, agressões aos gestores, entre outros casos graves que frequentemente são veiculados pela mídia e isso nos leva a refletir a que ponto chegamos na questão do respeito e tolerância entre os pares, a autoridade do professor ou do profissional da educação está se enfraquecendo gradativamente e isto é demonstrado quando a escola se vê incapaz de enfrentar essa problemática muitas vezes advindas de falta de estrutura ou de formação do próprio seio familiar.

Defendemos que o caminho a ser traçado pelo Estado no enfrentamento da violência contra criança e adolescente deve incluir na qualificação profissional dos

professores, principalmente da educação básica, o aprimoramento das relações interpessoais adotando-se a técnica da resolução e mediação de conflitos no ambiente escolar por meio de implantação nas unidades de ensino de equipe interdisciplinar para esse fim.

É preciso que tenhamos nas escolas uma equipe multidisciplinar composta por pedagogos, psicólogos, assistentes sociais, psiquiatras e profissionais especializados em mediação de conflitos, a fim de que possam atuar em conjunto para que possam de fato subsidiar essas questões conflituosas e violentas envolvendo alunos no ambiente escolar.

A técnica da mediação de conflitos tem se revelado muito eficaz na solução pacífica de diversas formas de desavenças envolvendo as mais variadas relações humanas e sociais. A escola é um ambiente propício para aplicar o método, visto que só com a intervenção da coordenação pedagógica não tem sido suficiente para o enfrentamento da violência nas escolas. Sobre esse tema Ortega, (2002, p. 22), assevera que:

A mediação é a intervenção, profissional ou profissionalizada, de um terceiro – um especialista – no conflito travado entre duas partes que não alcançam, por si mesmas, um acordo nos aspectos mínimos necessários para restaurarem uma comunicação, um diálogo que, é necessário para ambas com o reconhecimento da responsabilidade individual de cada um no conflito e o acordo sobre como agir para eliminar a situação de crise com o menor custo de prejuízo psicológico, social ou moral para ambos os protagonistas e suas repercussões em relação a terceiros envolvidos.

Percebe-se que foi apresentado um caso prático em que a escola tentou, mas sozinha não conseguiu resolver o problema, daí a importância da implantação de uma equipe multidisciplinar e da adoção da técnica da mediação de conflitos, bem como da integração da escola com todos os órgãos e atores sociais engajados na problemática envolvendo a criança e o adolescente.

De fato vivenciamos nas escolas situações de total risco e insegurança para com os discentes, docentes e demais profissionais. Isso se deve, dentre outros fatores, ao aumento desenfreado do consumo de drogas pelos adolescentes dentro e fora do ambiente escolar.

Muitas das vezes as situações de agressões físicas e verbais mútuas que ocorrem entre eles estão diretamente relacionadas ao consumo de drogas. Diante de tais circunstâncias escola e professores ficam de mãos atadas, não raras vezes não sabem lidar com essa dura realidade. Assim, é preciso que a escola procure unir forças para fazer o enfrentamento do problema, buscando apoio e orientação de órgãos especializados como:

Conselho Tutelar, Promotoria da Infância e Juventude, Juizado da Criança e do Adolescente, convidando-os estas a participarem de palestras, roda de conversas e atividades lúdicas da escola relacionadas com a temática violência, pois estes poderão contribuir recomendando-a de como deverá agir diante de tais circunstâncias.

CAPÍTULO 2: DIAGNÓSTICO

Ao longo de sua vida, o homem que é um ser social, constrói suas relações através de laços, regras e aprendizado de convivência com seus semelhantes e naturalmente há a ocorrência de conflitos, para proteger seus interesses pessoais, ignorando muitas vezes as normas. Sabemos também que é possível criar uma cultura de paz que minimize essas problemáticas, fazendo com que o indivíduo respeite o espaço do outro, evitando assim a evolução de um conflito.

Diante do exposto, para a coleta de informações para fins da elaboração do presente PI (Projeto de Intervenção) fizemos o levantamento dos dados para compor este diagnóstico, fazendo uso do método qualitativo, valendo-se de nossas observações, entrevistas e conversas, foi possível aprofundar e compreender o grupo social em que pretendemos trabalhar que são alunos do 6º e 7º anos do turno vespertino do Ensino Fundamental buscamos apenas essas duas séries, considerando que na pesquisa, constatamos um número elevado de alunos no estabelecimento escolar, impossibilitando a execução qualitativa e em tempo hábil de nossa proposta, sendo assim buscamos delimitar a quantidade de turmas e alunos que iremos trabalhar, para que possamos dá andamento ao projeto, atingindo os objetivos desejados, bem como demonstrando os resultados alcançados.

Para a execução das etapas para a realização deste projeto, a princípio, foi mantido contato com um integrante do quadro efetivo da Escola Estadual Santos Dumont, ele é o atual presidente do comitê pedagógico da referida escola, e na oportunidade após alguns telefonemas, pedimos a colaboração no sentido de visitar, observar e fazer algumas entrevistas dentro da unidade de ensino, finalmente no dia 29 de julho de 2015, fizemos uma visita *in loco* no estabelecimento de ensino anteriormente mencionado.

Nossa preocupação ao iniciarmos os trabalhos foi o de direcionar a primeira parte de nosso diagnóstico verificando as instalações, estrutura física e pedagógica da escola bem como visualizar seu entorno e as possíveis problemáticas relacionadas às questões de violência e se os profissionais da educação ali presentes alguma vez já haviam executado algum projeto no sentido de enfrentamento aos casos das agressões verbais e o *bullying*.

1 Da Estrutura e Funcionamento da Escola Estadual Santos Dumont

O funcionamento da escola está estabelecido da seguinte maneira: no período da manhã o horário inicia-se das 07 horas às 11h e 30min, com turmas de 1º ao 5º ano, perfazendo um total de 09 turmas do fundamental menor e contando também com 03 turmas do fundamental maior, do 6º ao 8º ano.

Seguimos com as observações e o turno da tarde tem o horário das 13h00min às 17h30min, com seis turmas do ensino fundamental maior que compreende do 6º ao 9º ano, sendo elas do 6º B e C, 7º B e C, 8º B e 9º A e mais seis turmas de ensino médio. Concluindo, o turno da noite tem início às 19 horas com término às 22 horas, contabilizando sete turmas de nível médio.

Com relação aos programas de fomento à educação, a escola participa dos seguintes: Transporte escolar, Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e Merenda escolar, Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

A legislação escolar encontra-se disponível em Ato de Criação nº 2592/1973 CCE, com inauguração no ano de 1973 e início das atividades no mesmo ano. A autorização para o ensino fundamental está na resolução nº: 14 de 22/11/1976 CCE e para o ensino médio resolução nº: 59 de 14/04/2005 CCE e ato de reconhecimento com nº: 24 de 06/03/2008.

A escola conta ainda com equipe diretiva composta por diretora, secretaria e três coordenadoras, há um comitê pedagógico, constatamos também uma cantina, sala multimídia e biblioteca com funcionamento no turno da manhã e da noite, a escola fica localizada na Av. Senador Júlio César Leite, S/N, no Bairro Aeroporto, CEP 49037 -580 CNPJ: 01912. 623/0001-01 e telefone: (79) 3179-5604.

Aparentemente o entorno da escola não apresenta grau elevado de violência, pelo menos dentro de nossa ótica, os alunos são residentes das localidades próximas a escola que tem outros bairros circunvizinhos como Bairro Atalaia, Conjunto Santa Tereza e Zona

de Expansão de Aracaju, embora localizada em uma avenida muito movimentada e asfaltada o entorno da escola está inserido em uma área muito carente de políticas públicas, por exemplo falta saneamento básico, há esgoto a céu aberto.

2 Sobre a metodologia utilizada

Ao terminarmos a tarefa de observação da escola, fizemos entrevistas com alguns professores, os quais se encontravam em momento de intervalo das aulas na sala do comitê pedagógico, espaço este que também é utilizado como salas dos professores. Não foi possível fazer a entrevista com todos os professores, pois alguns não se encontravam na escola naquele momento ou devido a outras atribuições docentes não se disponibilizaram em nos ajudar com as respostas. Nessa ocasião constatamos que a escola não dispõe de uma sala específica para atendimentos de alunos envolvidos em situação de conflitos. Isso demonstra a carência de um espaço dentro da escola capaz de oferecer atendimento e serviços mais especializados para fazer enfrentamento adequado aos casos de agressões entre alunos.

Além dos professores que pudemos entrevistar, buscamos ouvir o vigia da escola, o qual nos relatou dentro de sua ótica os problema mais frequentes relacionados à violência, as contribuições do vigia também foram imprescindíveis para o desenvolvimento desse trabalho, pois esse profissional percebe situações de conflitos entre alunos na chegada, saída e entorno da escola.

Como bem demonstra o título deste projeto, nossa preocupação principal foi com os casos de violência verbal, tendo em vista que na escola visitada foi constatado maior incidência na situação acima citada, fator este que assola o contexto educacional de muitas crianças e adolescentes. Entendemos que quando ocorre à violência verbal, aí também está inserido o *bullying*, expressão de origem inglesa, que em linhas gerais significa maltratar, intimidar e humilhar. De acordo com Fante (2005, p. 29) esse vocábulo reflete em:

Um comportamento cruel intrínseco nas relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objeto de diversão e prazer, através de 'brincadeiras' que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar.

Para melhor elencar nossa observação, ouvimos três professores que compõem o quadro efetivo da escola Estadual Santos Dumont, além de um vigia. Durante as entrevistas nos deparamos com respostas que corroboram com o pensamento de Fante (2005), a exemplo da professora mestra em antropologia de 47 anos de idade, 30 anos em sala de aula, lecionando a disciplina sociologia, quando perguntamos sobre os casos de violência dentro da escola vivenciados por ela, nos respondeu que:

A maioria das ocorrências de agressões presenciadas nesta escola é a agressão verbal entre alunos, especialmente casos de *bullying*. (Professora de sociologia, 47 anos).

E quando perguntamos sobre quais os procedimentos utilizados para as tomadas de decisão ou registros a mesma assevera que:

Quando se trate de um caso grave de violência entre alunos os envolvidos são chamados até a direção para conversar, em alguns casos a escola também convoca os pais para participarem da reunião, mas muitos não comparecem ou sequer procuram saber o que está acontecendo com seus filhos, e o pior, em alguns casos de conflitos, alguns pais se dirigem até a escola para tentar agredir fisicamente ou verbalmente aqueles possíveis alunos envolvidos em conflitos com seus filhos. (Professora de sociologia, 47 anos).

Dada a informação da professora, percebemos o quanto o aluno como a família necessita de auxílio e orientação no que diz respeito às boas práticas e uma pacífica convivência no ambiente social, principalmente no escolar. É lamentável que pais tenham essa postura de revide violento, pois dessa maneira ao invés de colaborar na formação educacional e social de seus filhos, dão um péssimo exemplo e contribuem para a inflamação do cenário de violência.

Considerando casos como esse, ressaltamos a importância da execução do presente projeto de intervenção, que busca valorizar as relações interpessoais e afetivas entre os alunos e a comunidade escolar como também familiar, por meio de atividades lúdicas e práticas a exemplo de oficinas, apresentações culturais e outros.

Diante da resposta da docente, percebemos como é necessário o diálogo para o estabelecimento de uma cultura de paz, ou seja, aprender a ser e conviver, ser educado e dividir os espaços em meio às diferenças, como reforça a professora nas perguntas que fizemos acerca da postura, da definição do papel de cada um e dos instrumentos utilizados para a mediação dos casos de conflito escolar, as respostas foram unânimes em contemplar

a questão do diálogo, porém há casos extremos que necessita a intervenção da polícia militar como na situação descrita a seguir pela docente de sociologia:

Tento conversar no sentido de conscientizar os alunos envolvidos de como eles devem se comportar no ambiente escolar, e sempre agimos buscando o diálogo. Isso tem ajudado até certo ponto. O diálogo é o único instrumento que se tem utilizado num primeiro momento, se não surtir efeito os professores passam o caso para a direção que em alguns casos graves precisa acionar a polícia, houve alguns casos, não recorro exatamente de todos no momento. (Professora de sociologia, 47 anos).

Perguntamos também sobre quais os encaminhamentos adotados para a resolução dos casos de violência e como seria a sistematização dessas informações, a mesma nos informou que:

Quando o caso de agressão é grave neste ambiente escolar, geralmente há necessidade de acionar a presença da polícia para intervir. Essa escola já chamou por diversas vezes a polícia em situações de conflitos entre alunos. Não tenho conhecimento se na escola há uma sistematização dos dados de violências e conflitos ocorridos, acredito que esses dados devam estar em poder da direção ou coordenação, isso não nos é passado. (Professora de sociologia, 47 anos).

Apesar da manutenção de uma proposta dialógica, infelizmente há casos em que jovens se utilizam de alguns tipos de armas nas situações conflitantes, sendo necessária até mesmo para resguardar a integridade física do profissional da educação a presença da polícia militar, mas é preciso a sistematização dos ocorridos para que os órgãos ou pessoas competentes possam viabilizar propostas que visem minimizar ou coibir tais embates, porém a escola observada não dispõe da sistematização dos dados da violência ocorrida internamente.

Mesmo falando nas questões que nos remetem apenas ao uso e formas da violência, vale ressaltar a importância e o conhecimento do Estatuto da Criança e do Adolescente, perguntamos a docente qual a contribuição que o ECA representa na intervenção das questões relacionadas à violência as crianças e adolescentes, nos relatou que:

O ECA, no que se refere à problemática da violência no ambiente escolar, no meu entendimento não tem contribuindo de forma positiva, pois os alunos sejam crianças ou adolescentes acreditam que só têm direitos e que não há deveres, como por exemplo, eles têm a convicção de que não têm o dever de obediência e respeito aos professores, bem como aos demais profissionais da escola, isso também acaba recaindo sobre outros alunos da classe. Nesta escola tem sido uma constante o desrespeito mútuo entre alunos por meio de xingamentos, agressões

verbais e o *bullying*, em alguns casos chega-se até, as vias de fato, ocasionando lesões entre eles. (Professora de sociologia, 47 anos).

Notamos que a princípio muitas crianças e adolescentes desconhecem totalmente o princípio norteador do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) , pois se debruçam num falso entendimento de que esta lei serve apenas para tutelar direitos e não deveres, essa percepção equivocada está gerando alguns problemas no tocante a autoridade que o professor deve exercer em sala de aula, diante dessa exposição faz urgente a intervenção de uma proposta lúdico pedagógica que incuta nesses jovens o conhecimento real das diretrizes estabelecidas pelo ECA.

Perguntamos acerca de que projetos de preparação para a vida e valores que a escola oferece a fim de fomentar o desenvolvimento do aluno já que segundo, Fernandez (2005, p. 77),

Nesse sentido, a escola precisa ensinar para a vida, e isso pressupõe preparar as crianças e os jovens com um conjunto de habilidades sociais e de instrumentos necessários para que possam desenvolver uma equilibrada autoestima, tomar decisões responsáveis, relacionar-se adequadamente com os demais, resolver conflitos de forma positiva e adequada, entre outros.

A resposta proferida pela docente foi à seguinte:

Não desenvolvo um projeto específico com a temática violência, mas tenho participado de outros projetos na escola que aborda a problemática da violência e do *bullying* no ambiente escolar, esses projetos têm ajudado em parte a conscientizar os alunos, mas infelizmente muitos reincidem nos atos de agressão verbal e até mesmo física. (Professora de sociologia, 47 anos)

Percebemos no primeiro momento que na escola nunca foi desenvolvido e executado nenhum projeto que se assemelhe a proposta de nosso plano de intervenção, os professores relatam que trabalham a questão da violência verbal entre os pares em atividades orais em salas de aulas ou em momentos como os de “gincana”, por exemplo. Acreditamos que nossa proposta seja adequada, pois no momento da observação e entrevistas, notamos que alguns alunos pediam justamente atividades mais interativas entre eles as quais pudessem valorizar as relações interpessoais e também aplicar uma cultura de paz entre eles, é justamente o que buscamos com a execução deste projeto

Sobre as questões de enfrentamentos da violência, perspectivas, reflexões e identificação desses resultados a docente externou sua opinião da seguinte forma:

Acredito que a conscientização de hoje refletirá na sociedade do futuro. Percebe-se pelo fato desta escola não ser muito violenta, apesar de esta inserida em uma comunidade muito carente de projetos sociais, de infraestrutura como saneamento básico, moradia e opções de lazer para crianças e jovens, bem como por ter como público-alvo alunos que provêm de famílias desestruturadas e que não tiveram uma base familiar adequada. Nós como professores temos feito o que está ao nosso alcance por meio do diálogo e de certo modo tem surtido efeito, essa é a razão desta escola não ser muito violenta, pois aqui nessa escola os casos de violência física são ínfimos, o que predomina mais são a agressão verbal e o *bullying*. (Professora de sociologia, 47 anos).

Já outro docente entrevistado e que faz parte da mesma escola deixa claro que também recorre ao diálogo para tentar resolver ou amenizar os conflitos em sala de aula, mas nem sempre consegue solucioná-los por este meio:

Considero que atualmente vivemos em um momento muito difícil em sala de aula, onde só na base do diálogo, muitas vezes não conseguimos resolvermos alguns problemas de agressões e conflitos aqui existentes entre alunos. Eles estão cada vez mais ousados agem como querem por se sentirem totalmente protegidos pelo ECA, não querem ouvir os professores, na minha opinião, este Estatuto da Criança e Adolescente não ajuda em nada a resolver essa problemática, só atrapalha. (Professor de Língua Portuguesa, 39 anos).

Como vimos acima, o relato desse profissional da educação ampliou o nosso olhar em torno da execução deste projeto, pelo que observamos os professores sempre recorrem ao diálogo quando se deparam com questões conflituosas envolvendo alunos, apesar de reconhecerem que em alguns casos, mesmo com todo esforço empreendido não consigam sanar os conflitos só na base da conversa, sendo assim torna-se importante a presença da família e em situações de extrema gravidade a intervenção da polícia militar.

Dando continuidade às posições dos docentes quanto à problemática da violência verbal, geradora do *bullying* e de agressões físicas na Escola Estadual Santos Dumont, na percepção da professora de inglês, 41 anos de idade, 10 anos de magistério, com formação em português-inglês, a mesma afirma que:

Já presenciei alguns alunos em discussões que partiram dos xingamentos para a agressão física, sempre promovo o diálogo entre professor e aluno na tentativa de uma possível conscientização das consequências da violência, mas quando não surte efeito, o jeito é dá suspensão e chamar os pais. (Professora de Inglês, 41 anos)

O relato da profissional nos mostra o quanto o professor, profissional carregado de tantas outras atribuições ainda dedica seu tempo em tentar equilibrar situações conflitantes na escola, onde muitas vezes esse dever que é da família não é cumprido, e também em casos piores onde a família não reconhece a autoridade do professor banalizando-o perante o aluno gerando o desrespeito.

Quando indagada sobre o papel que cada profissional tem frente às questões que envolvem a violência e os instrumentos utilizados para minimizar esses casos entre crianças e adolescentes, a professora nos colocou que:

O nosso papel é sempre o de orientar, infelizmente não temos nenhum instrumento, seria bom que houvesse algo que ajudasse a combater a violência, mas o nosso único instrumento é o diálogo mesmo. (Professora de Inglês, 41 anos)

Percebemos que o diálogo é importante para o enfrentamento de tais questões de violência verbal, e o quanto o ECA deve ser conhecido pela comunidade para que se saiba sobre os direitos e deveres que cada um deve assumir, bem como da execução de projetos que visem o conhecimento do estatuto e de atividades que promovam a paz e a respeitabilidade entre os alunos e a comunidade escolar, e para tais indagações a professora nos colocou que:

Acredito que o real conteúdo do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) é desconhecido por toda comunidade, principalmente os alunos, que pensam que é somente direitos para eles e que podem fazer o que quiserem e nunca serão punidos, é o que provavelmente pensa a maioria da população. Eu mesma nunca desenvolvi nenhum projeto de prevenção a violência, nem tenho vontade, já conversei com os alunos em sala de aula tentando orientar, mas se fosse fazer, seria algo relacionado a apresentações culturais, expressões artísticas. (Professora de Inglês, 41 anos)

Confirmamos não só com o depoimento da professora de Inglês, mas também com os demais professores que a escola não tem uma ideia de elaboração e execução de um projeto que promova a paz e o respeito entre os pares daquele estabelecimento, tornando salutar o conhecimento e execução da proposta do nosso projeto de intervenção, pois é algo exequível e esperamos obter os resultados desejados com a realização do mesmo. Mas independente da realização ou não de projetos, a professora de inglês foi categórica em afirmar que:

Apesar de que não participo de nenhum projeto específico, percebo melhoras dos alunos em alguns aspectos, pois os oriento a sempre se sentir no lugar do outro, inclusive aqui dentro da escola é como se alguns fossem mais tranquilos, ainda há algum respeito a nós professores, mas acho que seja cautela deles também, porque sabem que se houver agressão física aqui dentro podem sofrer consequências como a suspensão, eles são tranquilos aqui dentro, mas aí fora, são mais agressivos. (Professora de Inglês, 41 anos)

Esse último relato da professora de inglês nos deixou apreensivos no tocante momento da saída ou chegada dos estudantes bem como o entorno da escola, será que a segurança e a prevenção dos conflitos só é possível dentro da escola? E quais agentes poderiam intervir no entorno escolar? A polícia? Ao ouvir o vigia da escola, notamos que sob a ótica desse profissional que é mais externa é possível percebermos todas as problemáticas desse entorno escolar, sendo também importante viabilizarmos ou melhorarmos nossa proposta a fim de atingirmos as “fronteiras” além espaço escolar.

Na contribuição do vigia da escola, um homem de 49 anos, que concluiu apenas o ensino fundamental, mas que já tem 27 anos de experiência trabalhando nessa função, perguntamos ao profissional, quais ou qual, questões de violência sofrida por crianças e adolescentes são mais comuns naquela escola, e que tipo de encaminhamento ou procedimentos são adotados quando da ocorrência do fato, ele nos informou que:

Brigas de meninas por causa de namorado são mais ocorrentes, e inveja porque uma é mais bonita que outra e já houve até faca, quando ocorrem esses problemas é pra chamar alguém da coordenação para intervir, nunca é para fazer nada sozinho. (Vigia, sexo masculino, 49 anos)

Pelo visto a questão do diálogo prevalece e é importante, como também nunca intervir sozinho, sempre pedir auxílio aos demais funcionários para que juntos encontrem uma solução mediadora. Indagado sobre a postura profissional diante dos casos de violência registrados na escola, e definição dos papéis de cada profissional do estabelecimento frente aos desafios da violência e quais tipos de instrumentos realizados para minimizar os conflitos, o mesmo nos afirmou que:

Tento aconselhar os meninos, mas eu nunca faço nada sozinho, se a coisa esquentar, chamo a polícia se necessário. Aqui na escola, cada funcionário deve um ajudar ao outro a resolver os problemas quando aparecerem e não tem nenhum instrumento é só na base da conversa. (Vigia M, 49 anos)

A preocupação com as crianças e adolescentes deve ser uma constante nos estabelecimentos escolares, para tanto a escola deve dispor de mecanismo de prevenção e defesa para evitar tais conflitos, os desafios precisam ser superados e a vontade de criar uma cultura de paz deve ser algo diário.

Entendemos que as perspectivas e realizações de cada um dos envolvidos no estabelecimento escolar devem privilegiar uma construção coletiva de formação da pessoa, para isso perguntamos ao vigia, quais eram suas perspectivas acerca das questões que envolvem crianças e adolescentes e o problema da violência, o mesmo nos informou que “Se tivesse algum evento no auditório ou na quadra, isso iria fazer com que esses meninos melhorassem e parassem de brigar”. (Vigia, sexo masculino, 49 anos).

Compreendemos que se houvesse uma capacitação de todos os membros da escola para o desenvolvimento de competências sociais e emocionais nas questões de violência, os índices reduziriam consideravelmente, como mostramos no exemplo do vigia, que é um observador das situações de conflito pessoal, age dando conselhos aos alunos para que evitem as brigas.

Diante do que foi relatado pelos professores e pelo vigilante da escola, percebemos a importância da formação e presença de uma equipe multidisciplinar que possa orientar/mediar e intervir nos casos de agressão física ou verbal, pois entendemos que não existem soluções simples para mediar às situações de violência, pois é um problema de causas múltiplas e devemos tentar desenvolver estratégias que possa reduzi-lo, a equipe multidisciplinar deve atuar tão logo seja identificado o foco da agressão verbal e tentar somar esforços com todos os envolvidos.

Dos relatos coletados dos profissionais que fazem parte da escola observada, podemos constatar que a unidade de ensino ainda que de forma tímida, não incisiva e não estabelecido em seu plano pedagógico como meta a ser alcançada, tem procurado enfrentar essa problemática. O problema é que ela não tem um plano ou projeto voltado para conscientização da violência no ambiente escolar para os pais, alunos e professores a fim de que possa ser executado de forma permanente, objetivando a conscientização de todos eles sobre essa problemática.

Entrevistamos alguns alunos, para consubstanciar nossa observação, o momento da entrevista se deu no intervalo das aulas, procuramos identificar o que pensavam esses jovens sobre a violência verbal e se eles já tinham sofrido algum tipo de agressão, foi

fundamental a contribuição desses jovens, pois só assim é possível identificar alguns focos causadores da violência e do próprio *bullying*.

Dentre todos os alunos da Escola Estadual Santos Dumont, escolhemos a fim de delimitar nosso trabalho, dois alunos do ensino fundamental maior (6º e 7º anos) do turno vespertino, no momento da entrevista, uma aluna do 6º ano com apenas 12 anos de idade, nos surpreendeu quando a indagamos sobre o seu entendimento sobre a violência:

Acho uma coisa horrível, venho de uma cidade muito violenta, Rio de Janeiro. A escola que eu estudava lá era muito violenta, bem mais do que essa aqui. Nunca presenciei violência física aqui nesta escola não, mas há xingamentos, agressões verbais e *bullying* entre os alunos. (Aluna, 12 anos, 6º ano).

Podemos observar que apesar da pouca idade a referida aluna já tem a noção de que a violência é algo muito ruim, estando presente em todas as escolas e de variadas formas. Nós sabemos que seja qual for o tipo de violência, sempre traz consequências negativas para a vida das pessoas, principalmente quando estas, ainda são crianças e/ou adolescentes. Isso nos leva a concluir que esse fenômeno se tornou em uma problemática global, variando de escola para escola em maior ou menor intensidade. Tudo isso vem confirmar a tese de que a agressão verbal e o *bullying* estão presentes em praticamente todas as escolas no mundo (FANTE, 2005)

Salientando ainda sobre as experiências vivenciadas pela aluna citada acima, no ambiente escolar analisado, ao perguntarmos se já havia sido vítima de *bullying*, apelidos, xingamentos ou se já presenciou esse tipo de violência verbal contra outros alunos nos respondeu que

Sim, já fui apelidada, isso incomoda muito. Já presenciei alunos da sala que estudo aqui nesta escola chamando minha colega de “gorda feia” e de “bola” porque ela é gordinha. (Aluna, 12 anos, 6º ano).

Considerando que nos relatos dos professores entrevistados e do vigilante da escola terem apontado que a agressão verbal e o *bullying* são os tipos de violência mais frequentes naquele ambiente, não poderíamos deixar de perguntar para a aluna entrevistada se já havia sido vítima ou tinha presenciado os seguintes fatos: humilhação, agressão física, constrangimento, *bullying* e agressão verbal dentro da escola ela afirmou de forma

categórica, conforme podemos observar acima, já ter sido apelida bem como sua colega sendo vítima de preconceito e *bullying* praticados por outros alunos.

Já o aluno do sexo masculino, 14 anos de idade, 7º ano ao ser questionado sobre o que entendia por um ato de violência disse “Quando alguém bate ou diz palavra que machuque à outra”. (Aluno, 14 anos, 7º ano).

É possível perceber que ele expressa em poucas e simples palavras um conceito abrangente de violência, em que pode está inserida a agressão física, o *bullying* e agressão verbal. Vejamos que a maneira como o aluno encara a violência não é muito distinta daquelas apontadas por vários autores referenciados neste projeto.

Sobre a violência verbal e o *bullying* o aluno afirma já ter sido vítima por meio de xingamentos, humilhações, assim como também já participou como autor desse tipo de violência, conforme segue:

Já fui xingado e quando mais jovem, xingava também, mas hoje devido a maturidade cristã, não faço mais isso, e se houvesse pregação da religião isso diminuiria. Fui apelidado, incomoda muito, é chato, já pensei em se matar por conta da sexualidade, falou para a escola foi tomada providência no momento, mas até então continua a mesma coisa. Quando falamos algo ruim pra uma pessoa, estamos cometendo uma violência, pois não sabemos como ela vai reagir ou ficar. (Aluno, 14 anos, 7º ano).

Relatou ainda o discente da 7º ano que já presenciou alguns episódios no ambiente escolar como humilhação, ameaça constrangimento. Sendo ele também vítima desse tipo de violência pelo simples fato de se destacar ao tirar boas notas.

Já sofri humilhação pelos alunos que dizem que sou o inteligente da sala, só porque eu respondo quase tudo na sala, dizem que eu quero me aparecer, ser o bom, mas eu estudo. Nessas situações, fico calado, não faço nada, me sinto inferior. (Aluno, 14 anos, 7º ano).

Com relação à postura da escola e dos professores diante de casos de violência como ofensas verbais, brigas e casos de *bullying* os profissionais buscam intervir, mas segundo relato do adolescente não tem resolvido o problema, bem como ele considera a maneira inadequada que a escola adota para tentar resolver o conflito.

A direção chama, dá suspensão, mas não resolve nada, precisaria de um psicólogo na escola, fazer um aluno pedir desculpa ao outro, mas infelizmente na rua volta a fazer tudo de novo. Tem que chamar o pai de ambos envolvidos e não

sair só dando suspensão. Às vezes quem não teve culpa paga também. (Aluno, 14 anos, 7º ano).

Além de não haver nessa escola uma equipe multidisciplinar capaz de mediar os conflitos de forma adequada, constatamos que há um sério problema com relação aos pais que tomam partido da confusão que seus filhos estavam envolvidos. Segundo o relato dos professores e alunos, isso ocorre porque os pais dos alunos vítimas de agressão vão até a escola com o intuito de revidar a agressão sofrida pelo filho. Sendo assim, quando não conseguem adentrar a escola para atingir o aluno agressor do seu filho, os pais esperam o agressor de seu filho na saída da escola, como mostra o aluno:

Muitos pais procuram saber, mas muitos também tomam a frente da briga dos filhos, do tipo se alguém mexer com o filho, o pai vai lá e agride também, como já aconteceu caso de uma mãe querer bater no outro menino que agrediu o filho dela. (Aluno, 14 anos, 7º ano).

Por fim, perguntamos ao aluno, se estivesse ao seu alcance, o que faria para combater a violência na escola, respondeu que:

A presença permanente de um posto policial. Palestras com policiais, pra que os jovens soubessem o quanto é ruim a violência, Palestras sobre Jesus e seus ensinamentos. Isso tudo é falta de Deus, se as pessoas conhecessem Deus, ninguém se metia em confusão. E precisa ter uma pessoa experiente na escola, para resolver essas coisas, pois o professor sozinho não dá conta. (Aluno, 14 anos, 7º ano).

Entendemos que, a observação e entrevista na escola, foram cruciais para a concretização da proposta que pretendemos. E diante do que foi colhido por meio do relato dos profissionais e alunos, entendemos que esses jovens precisam de uma experiência que os convença dos males que traz a violência e principalmente, a necessidade de uma melhor postura nas relações dentro e fora da sala de aula, no sentido do equilíbrio e da harmonia social.

Mas essa experiência só será possível, a partir do momento em que todos realmente estejam comprometidos com a tentativa e vontade da mudança, além de tudo irem em busca de parcerias que viabilizem essa nova atitude escolar como da implantação de um projeto permanente de conscientização para não violência verbal, não esquecendo da importância da implementação de uma equipe multidisciplinar e uma sala específica para resolução dos casos de conflitos entre os pares.

CAPÍTULO 3: PLANO DE INTERVENÇÃO

A escola é um meio de integração social, local em que os sujeitos se descobrem e partilham seus conhecimentos e suas experiências, é um lugar onde muitas vezes passamos a maior parte de nossas vidas ao lado daquelas pessoas, através desse posicionamento, percebemos o quanto a escola da atualidade está enfraquecida em suas relações interpessoais com tanta violência e tantos conflitos, e provavelmente a causa dessa mudança tão brusca e lamentável se deva a sociedade que está permeada pela cultura do não respeito ao outro, a banalização das leis e o sentimento de impunidade e injustiça que paira no ar, e o pior, famílias desestruturadas que por conta da “falta de tempo” para instruir e orientar quanto a um bom convívio social, deixam seus filhos à mercê do que aprendem nas ruas ou pelo que são influenciados por outros amigos da escola, e o que isso tem de agravante? O desenvolvimento de um ser que não terá respeito algum pelo seu próximo, muito menos com seus professores. Pessoas assim tendem a ser tornarem cada vez mais agressivas e também disseminadoras desse mal que se chama desamor, falta de respeito e intolerância com o outro, fatores esses que geram a violência verbal e os graves problemas da violência física agregado ao *bullying*.

Partindo do pressuposto acima e baseando-se nas observações feitas na Escola Estadual Santos Dumont, compreendemos que o principal problema encontrado nessa unidade de ensino se deve a fatores de falta de respeito com outro, ou seja a falta de “polidez” no falar, acarretando a violência física entre os alunos, durante as entrevistas o que mais ficou evidente segundo o que nos disse os professores e baseados no que eles observam em sala de aula sobre a maneira como os alunos se dirigem ao outro através de palavrões, xingamentos e apelidos e como já citado acima, podem ser características evidentes de casos de *bullying* se ocorridos rotineiramente, porém, se for de forma esporádica não se enquadra como *bullying*, apenas agressão verbal que de qualquer forma não justificaria tais atos.

Já os depoimentos colhidos dos alunos vem a confirmar o que inicialmente os professores afirmaram, os alunos entrevistados foram taxativos em dizer que um dos problemas mais recorrentes entre eles são os xingamentos, apelidos entre outros, e que gostariam de que algo fosse feito para que eles se conscientizassem e que esses episódios não fossem algo tão comum dentro da escola, inclusive um aluno em especial nos chamou

a atenção ao dizer que só o pedido de uma simples desculpa já seria o suficiente para perdoar o agravante da situação.

Diante do que o aluno mencionou, verificamos o quanto é importante conversar, dialogar, orientar esses jovens que num momento de ímpeto, proferem palavras que machucam e fere o outro provocando uma reação agressiva instaurando assim casos de violência que muitas vezes se tornam insustentáveis para a escola ou o professor resolver.

O atual contexto social nos leva a refletir a que passos estão às relações sociais, principalmente na escola, pois aí está a futura geração. Entendemos que trabalhar as questões de relacionamento pessoal propõe um melhor amadurecimento para toda a comunidade escolar, procuramos desta forma, através da proposta do projeto de intervenção apresentada contribuir na formação social e individual do aluno a fim de tornar o ambiente escolar menos conflituoso e mais harmonioso.

Para tanto, objetivamos trabalhar a convivência e o cultivo da paz, através da experiência com atividades pedagógicas e interativas que visem conscientizar e prevenir o clima de conflito verbal na comunidade escolar, causador da violência física, dessa forma, acreditamos que os alunos terão um momento onde poderão externar suas dúvidas, conhecer mais sobre o outros e sobre as questões que envolvem a convivência dentro de um determinado contexto social nesse caso a escola e uma vez inseridos num ambiente que se propicie o conhecimento, interação e respeito acreditamos que estamos contribuindo para que esses jovens possam estar atuando em qualquer área da sociedade de forma pacífica e tolerante.

Para melhor demonstrar nossa proposta, elaboramos um quadro onde demonstramos alguns pontos em específico que servirá de orientação para aqueles que lerem nossa proposta para uma posterior execução.

Quadro 1 – Objetivos do Plano de Intervenção

Objetivo Geral	Objetivos Específicos	Objetivos Operacionais
<p>Analisar e apontar alternativas para o enfrentamento à violência na Escola Estadual Santos Dumont, por meio de ações intervencionistas de forma contínua, objetivando o desenvolvimento de um novo aprendizado, através da interação, estímulo ao diálogo, e a conscientização para uma convivência pacífica, de tolerância e de paz.</p>	<p>Conscientizar alunos e professores sobre as consequências da prática da violência verbal na escola.</p>	<p>Contribuir para a formação e conhecimento intelectual dos alunos sobre a violência verbal no ambiente escolar.</p>
	<p>Promover ações que visem dirimir a ocorrência dos casos de violência no ambiente escolar.</p>	<p>Reforçar os conceitos sobre o <i>bullying</i> e a não violência verbal.</p>
	<p>Desenvolver propostas de atividades que visem à interação e a conscientização dos alunos sobre a violência verbal.</p>	<p>Demonstrar através da arte, práticas que levem a refletir sobre a cultura da paz e da não violência verbal.</p>
	<p>Incutir através da participação dos alunos no projeto a prática da cultura de paz e da não agressão verbal no ambiente escolar.</p>	<p>Estabelecer entre os alunos o respeito às diferenças e crenças religiosas bem como os valores benéficos que as boas ações podem trazer.</p>
		<p>Contribuir para a formação e conhecimento intelectual desses alunos.</p>
		<p>Integrar alunos e professores através da arte da música e das expressões corporais.</p>
		<p>Promover o enfrentamento da violência verbal através de práticas que fortaleçam a cultura da paz.</p>

Quadro 2 - Programação das Atividades do Projeto de Intervenção

Objetivos Operacionais	Atividades
Contribuir para a formação e conhecimento intelectual dos alunos sobre a violência verbal no ambiente escolar.	Palestra realizada por psicopedagoga com conhecimento sobre o que é, como mediar e as consequências da violência verbal.
Reforçar os conceitos sobre o <i>bullying</i> e a não violência verbal.	Trabalhar com cartazes, “memes” com xingamentos e as consequências que eles podem gerar. Redações sobre violência verbal (racismo, intolerância religiosa ou de gênero).
Demonstrar através da arte, práticas que levem a refletir sobre a cultura da paz e da não violência verbal.	Confecção de esculturas, painéis que chamem a atenção para a reflexão da experiência de um convívio harmonioso e de cultura de paz.
Estabelecer entre os alunos o respeito às diferenças e crenças religiosas bem como os valores benéficos que as boas ações podem trazer.	Elaboração de mensagens, frases, reflexões acerca das boas práticas no convívio social e da cultura de paz, a exemplo do perdão, tolerância, tranquilidade, gratidão, gentileza, desculpas.
Contribuir para a formação e conhecimento intelectual desses alunos.	Expor as atividades oriundas das oficinas no pátio da escola, a fim de promover a visita do corpo discente as produções das outras equipes.

<p>Integrar alunos e professores através da arte da música e das expressões corporais.</p> <p>Promover o enfrentamento da violência verbal através de práticas que fortaleçam a cultura da paz.</p>	<p>Formar um grupo intitulado Doutores da Harmonia, que contará com os seguintes personagens: Dr^a. Harmonia, Dr^a. Educação, Dr^a. Gentileza, esses comporiam os personagens da Paz e outros personagens que comporiam o núcleo dos vilões, a exemplo de “Palavrão” “Violento” “Xingamento”.</p>
---	---

Fonte: Adaptado do Módulo IX (2015,p.88)

Metas

A partir dos objetivos e atividades descritos acima, como meta, procuramos desenvolver a consciência e o entendimento por parte dos alunos no sentido de evitar qualquer tipo de discussão fútil que leve a agressões mais graves, e também fazer com que esses alunos, compreendam o que é viver em um ambiente civilizado onde se pratique o respeito e a tolerância entre as diversidades.

Na ocasião trabalharemos especificamente com alunos do 6º e 7º ano do turno vespertino da Escola Estadual Santos Dumont.

Pretendemos com o presente Projeto de Intervenção a realização de cinco atividades a fim de atingir o objetivo que almejamos, são elas: Atividade 1- Palestra: O que é e como mediar a violência verbal, Atividade 2 – Oficinas por disciplina, sendo elas de Português, Oficina de Arte, Oficina de Religião, no dia da realização das oficinas, elas irão acontecer concomitantemente; Atividade 3- Exposição da Produção das Oficinas, Atividade 4- “Doutores da Harmonia”, Atividade 5- Semeando o Bem e as Gentilezas.

Para o sucesso de nossa proposta necessitamos da participação dos alunos e também daqueles profissionais da educação que se dispusessem a colaborar, orientar os alunos para a disseminação dessa prática do bem, do respeito e tolerância ao outro, o pátio da escola, seria o cenário mais adequado para a realização de dessas atividades, já que não se dispõem nesse estabelecimento de um local mais adequado para tal fim, confirmamos esse fato durante as observações na escola, e na ocasião de trabalhos artísticos

confeccionados pelos alunos, estes, seriam afixados na própria parede do pátio da escola ou nas salas de aula com forma de mural permanente de orientação.

A seguir, daremos a orientação e a ilustração de como procederíamos para realização das atividades promotoras da conscientização da não violência verbal e cultivo da paz, a saber:

ATIVIDADE 1 - PALESTRA: O QUE É E COMO MEDIAR A VIOLÊNCIA VERBAL.

Objetivo operacional	Contribuir para a formação e conhecimento intelectual dos alunos sobre a violência verbal no ambiente escolar.
Conteúdo da atividade	Palestra realizada por psicopedagoga com conhecimento sobre o que é e como mediar e as consequências da violência verbal.
Pertinência da Atividade	Fomentar as relações interpessoais e as reflexões sobre a violência escolar.
Público alvo	Alunos e professores dos 6º e 7º anos do turno vespertino da Escola Estadual Santos Dumont.
Equipe de execução	A equipe diretiva ficará responsável pela mobilização dos alunos, dos professores bem como do convite a psicopedagoga palestrante.
Recursos materiais	Caixa de som, microfone, computador e Datashow.
Resultados esperados	Aprendizado e conscientização no tocante ao respeito, convivência e a cidadania.

ATIVIDADE 2- OFICINAS POR DISCIPLINA, COM TEMA GERADOR: O QUE É E COMO MEDIAR A VIOLÊNCIA VERBAL.

Oficina De Português

Objetivo operacional	Reforçar os conceitos sobre o <i>bullying</i> e a não violência verbal.
-----------------------------	---

Conteúdo da atividade	Trabalhar com cartazes, “memes” com xingamentos e as consequências que eles podem gerar. Redações sobre violência verbal (racismo, intolerância religiosa ou de gênero).
Pertinência da Atividade	Propiciar o conhecimento aos alunos, ressaltando a importância da tolerância as diversidades.
Público alvo	Alunos do 6º B do turno vespertino da Escola Estaduais Santos Dumont.
Equipe de execução	Professores língua portuguesa e equipe diretiva.
Recursos materiais	Material reciclável, cartolina, canetas, tinta, papel.
Resultados esperados	Aprendizado e conscientização no tocante a cultura da paz.

Oficina De Arte

Objetivo operacional	Demonstrar através da arte, práticas que levem a refletir sobre a cultura da paz e da não violência verbal.
Conteúdo da atividade	Confecção de esculturas, painéis que chamem a atenção para a reflexão da experiência de um convívio harmonioso e de cultura de paz.
Pertinência da Atividade	Propiciar aos alunos a interação através das artes e o reconhecimento das práticas da não agressão verbal.
Público alvo	Alunos do 6º C do turno vespertino da Escola Estadual Santos Dumont.
Equipe de execução	Professores de Arte e de outras disciplinas voluntárias.
Recursos materiais	Material reciclável, cartolina, cadernos, canetas, tinta, papel, cola.
Resultados esperados	Despertar no aluno a conscientização sobre as questões relacionadas a violência no ambiente escolar.

Oficina De Religião

Objetivo operacional	Estabelecer entre os alunos o respeito às diferenças e crenças religiosas bem como os valores benéficos que as boas ações podem trazer.
Conteúdo da atividade	Elaboração de mensagens, frases, reflexões acerca das boas práticas no convívio social e da cultura de paz, a exemplo do perdão, tolerância, tranquilidade, gratidão, gentileza, desculpas.
Pertinência da Atividade	As mensagens ficariam fixadas na altura do quadro para que os alunos sempre visualizassem esses valores.
Público alvo	Alunos dos 7º B e C do turno vespertino da Escola Estadual Santos Dumont.
Equipe de execução	Professor de Religião, bem como professores voluntários de outras disciplinas.
Recursos materiais	Folhas de papel ofício, cadernos, canetas, tinta, papel.
Resultados esperados	Contribuir na mudança de comportamento frente as questões de desrespeito entre alunos.

ATIVIDADE 3- EXPOSIÇÃO DA PRODUÇÃO DAS OFICINAS

Objetivo operacional	Contribuir para a formação e conhecimento intelectual desses alunos.
Conteúdo da atividade	Expor as atividades oriundas das oficinas no pátio da escola, a fim de promover a visita do corpo discente as produções das outras equipes.
Pertinência da Atividade	Demonstrar aos alunos através da exposição, os trabalhos das outras equipes.
Público alvo	Alunos dos 6º e 7º anos do turno vespertino da Escola Estadual Santos Dumont.
Equipe de execução	Professores, equipe diretiva.
Recursos materiais	Frita crepe, cavalete, cordão, papel, lápis de cor, cartolinas, isopor, papelão.

Resultados esperados	Aprendizado e conscientização no tocante ao respeito, convivência e a cidadania.
-----------------------------	--

ATIVIDADE 4- DOUTORES DA HARMONIA

Apresentação em que os professores e alunos voluntários dos “Doutores da Harmonia” invadiriam as salas, interrompendo a aula por cerca de 5 a 10 minutos, numa forma dinâmica e divertida, cantando, paródias, com o uso de violão ou pandeiro e com expressões corporais, alertando sobre as questões de violência e em especial a verbal e dos cuidados que se deve tomar.

Objetivo operacional	Integrar alunos e professores através da arte da música e das expressões corporais.
Conteúdo da atividade	<p>Formar um grupo intitulado Doutores da Harmonia, que contará com os seguintes personagens: Dr^a. Harmonia, Dr^a. Educação, Dr^a. Gentileza, esses comporiam os personagens da Paz e outros personagens que comporiam o núcleo dos vilões, a exemplo de “Palavrão” “Violento” “Xingamento”.</p> <p>Para melhor desempenho e conhecimento deste trabalho pelos voluntários participantes, os professores voluntários, devem apresentar algum vídeo disponível na Internet que apresente a história e o trabalho já desenvolvido pelos “Doutores da Alegria” em hospitais e dos consideráveis avanços que eles têm conseguido na melhoria da saúde e sobrevida em pacientes com câncer, poder-se-ia fazer uma comparação que a violência é uma espécie de câncer que precisa ser eliminado das escolas e da sociedade como um todo.</p>
Pertinência da Atividade	Através de instrumentos lúdicos como música, paródias, expressão corporal e arte, alertar aos alunos sobre os perigos da violência e a importância da moderação nas

	palavras, equilíbrio da convivência pacífica e da cultura de paz.
Público alvo	Alunos e Professores dos 6º e 7º anos do turno vespertino da Escola Estadual Santos Dumont.
Equipe de execução	Equipe diretiva e professores e alunos.
Recursos materiais	Pandeiro, violão, TNT e adereços.
Resultados esperados	Transformação do comportamento dos alunos através de atividades lúdicas e interativas, em que eles sejam agentes disseminadores da promoção da cultura da paz.

ATIVIDADE 5-SEMEANDO O BEM E AS GENTILEZAS

Objetivo operacional	Promover o enfrentamento da violência verbal através de práticas que fortaleçam a cultura da paz.
Conteúdo da atividade	Orientar aos alunos que cada sala deverá ser “batizada” com um nome que incutisse o sentimento do equilíbrio e da paz e da não violência verbal no ambiente escolar, a exemplo: o 6º-B ficaria com o nome de “Tolerância”, 6º-C “Amizade”, 7º-B “Respeito”, 7º-C “Gentileza”. Será disponibilizada uma “Caixa da Gentileza” que ficaria na secretaria da escola onde os alunos iriam depositar bilhetinhos de mensagens do bem e de gentileza para algum colega, professor ou funcionário da escola que seriam entregues periodicamente.
Pertinência da Atividade	Motivar alunos e professores quanto à relevância da promoção de mensagens construtivas.
Público alvo	Alunos dos 6º e 7º anos do turno vespertino da Escola Estadual Santos Dumont.
Equipe de execução	Professores, equipe diretiva.
Recursos materiais	Papel, lápis, caneta, caixa de papelão.

Resultados esperados	Reconhecer que através das mensagens escritas por alunos e professores é possível também fomentar a paz e as reflexões sobre as agressões verbais.
-----------------------------	--

QUADRO 3 - CRONOGRAMA

Nº DAS ATIVIDADES	ATIVIDADES	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
N.1	PALESTRA: O QUE É E COMO MEDIAR A VIOLENCIA VERBAL.						
N.2	OFICINAS						
N.3	EXPOSIÇÃO DA PRODUÇÃO DAS OFICINAS						
N.4	DOUTORES DA HARMONIA						
N.5	SEMEANDO O BEM						

Fonte: Adaptado do Módulo IX (2015,p.90)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de estarmos diante de toda transformação gerada por um mundo globalizado, ainda não conseguimos criar adequadamente uma cultura de paz. Vivenciamos um mundo carregado de conflitos interpessoais, e é percebido que esses conflitos transformam-se em violência. A escola não fica fora dessa realidade, e nesse cenário desafiador, torna-se necessário desenvolver uma educação para a paz que transmita adequadamente preceitos fundamentais relacionados ao bom convívio escolar e social, que leve as crianças e os adolescentes a protagonizarem os valores éticos e as responsabilidades sociais, e ao aprendizado de habilidades que estimulem o diálogo, a cooperação e a solução pacífica dos conflitos.

Buscamos com este plano de intervenção apontar possíveis soluções e/ou alternativas práticas que possam ser adotadas pelas escolas no sentido de fazerem o enfrentamento da violência em seu ambiente. Identificamos que não há um consenso no que tange à conceituação desse fenômeno, nos mais diversos ambientes, depara-se com um problema conceitual, qual seja, a definição do que é ou não violência é ainda, muito polêmica no meio acadêmico. Não há um consenso sobre sua definição.

Após visita de observação na escola e entrevista com alunos e professores detectamos que os conflitos nesse ambiente são variados e estão relacionados a várias causas, ocorre que neste trabalho nos detivemos tão somente a identificar qual o tipo de violência que mais predominou no espaço que analisamos, a fim de apresentarmos métodos intervencionistas que contribuam com a redução do problema.

Quando da realização do diagnóstico na escola objeto de estudo de nosso trabalho, encontramos algumas dificuldades, sobretudo no que diz respeito à falta da sistematização de dados por parte da gestão escolar sobre a problemática violência vivida naquele ambiente. Cabe ressaltar também que na ocasião das entrevistas, alguns professores não puderam contribuir devido aos horários que eles teriam que cumprir naquele estabelecimento ou se negaram a participar do nosso trabalho, restando na sala dos professores que também é a sala do comitê pedagógico os professores já citados no diagnóstico. Quanto aos alunos, devido a grande quantidade, tivemos que escolher apenas alguns, até mesmo porque eles se encontravam em horário de intervalo das aulas, a equipe diretiva e de coordenação foram solícitas quanto ao nosso acesso as informações relevantes sobre o funcionamento, estrutura daquele estabelecimento escolar.

No decorrer do processo das entrevistas, constatamos então que, a agressão verbal e o *bullying* são os responsáveis pelos maiores focos de tensão e conflitos no ambiente observado, com isso traçamos um plano de ações práticas a serem desenvolvidos na Escola Estadual Santos Dumont, com professores e alunos do Ensino Fundamental II 6º e 7º anos do turno vespertino, no sentido da conscientização destes, de como devem relacionar-se e portar-se no trato com os pares no ambiente escolar.

Nossa proposta, procura incentivar aos alunos a serem os próprios mediadores estimuladores de suas relações interpessoais, já que percebemos que naquele ambiente educacional alguns se dirigem ao outro por meio de apelidos ou xingamentos, por meio de um projeto que além de ensinar, conscientize. Acreditamos que esse cenário possa ser revertido.

Através de propostas como estas, ficará mais fácil tornar o ambiente menos tenso e mais harmonioso sem falar dos benefícios além fronteiras da escola, pois uma vez inseridos em ações como essas, o alunos não só terão uma postura diferenciada na escola, mas também em casa, na rua, na sociedade de um modo geral.

Compreendemos e ressaltamos que não podemos fechar os olhos e nem mesmo negar o fenômeno da violência escolar, mas é de fundamental importância que os atores sociais envolvidos com essa problemática tenham conhecimento das diversas formas e características dessas violências de modo a combatê-la de maneira adequada.

A educação sempre dependerá da articulação de duas instituições fundamentais: a escola e a família. Todavia, é preciso que essas instituições despertem o quanto antes para o enfrentamento dessas violências diárias na escola, violências essas, que impossibilitam a prática pedagógica e que conseqüentemente oportuniza o déficit no processo de ensino aprendizagem.

Esperamos que com a execução do presente Projeto de Intervenção e da continuidade do mesmo não só para o estabelecimento escolar que aqui foi citado, como também para outros estabelecimentos, os alunos, esses seres em processo de desenvolvimento, possam não só conhecer as leis, seus direitos e deveres, como também possam atuar como participantes de um projeto que privilegie uma cultura de paz, e isso não só trará bem para a escola, mas também para a sociedade de um modo geral, pois estaremos depositando no meio social, jovens que tiveram sua consciência formada pela cidadania, amor, paz e respeito ao outro, aspectos esses tão importante em uma sociedade permeada pelo sentimento de violência, impunidade e injustiça.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam, RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília: DF: UNESCO, 2002.

ABRAPIA - Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Criança e ao Adolescente. (2002). **Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes**. Disponível em <http://www.observatoriodainfancia.com.br/IMG/pdf/doc-154.pdf>. Acesso em 01 Set. 2015.

ADORNO, Sérgio. **Guerra Civil Sem Fronteiras**. Citado por Giannella Jr., Fúlvio. Revista Família Cristã. n 764, Ano 65, São Paulo: Paulinas, Agosto de 1999.

CERVO, A. L. Metodologia científica. São Paulo: Makron Books, 1996.

CHALITA, Gabriel. O crime do desamor. Revista Profissão Mestre. Ano 9. Nº 99. Dezembro/2007. p.27

CHARLOT, Bernard; ...MIN, Jean-Claude (Coords.). *Violences à l'École et à l'État des savoirs*. Paris: Masson & Armand Colin Éditeurs, 1997.

CHRISPINO, Álvaro e CHRISPINO, Raquel. **Políticas educacionais de redução da violência: mediação do conflito escolar**. São Paulo: Editora Biruta, 2002.

CHRISPINO, Álvaro. Gestão do conflito escolar. da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 15, n. 54, p.11-28, jan./mar.2007.

CURY, Augusto. **Pais Brilhantes, Professores Fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

COSTITUIÇÃO da República Federativa do Brasil, de 05 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em 01 Set. 2015.

FANTE, C. (2005). **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz** (2a ed.). Campinas: Verus

GUIMARÃES, J. R. **Violência escolar e o fenômeno ‘bullying’**. A responsabilidade social diante do comportamento agressivo entre estudantes. 2009. Disponível em: <<http://jusvi.com/artigos/41126>>. Acesso em 26 Ago.2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: editora Paz e Terra, 1987.

FERNÁNDEZ, Isabel. **Prevenção da violência e solução de conflitos: o clima escolar como fator de qualidade**. São Paulo: Madras, 2005.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2009). **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - PeNSE**. Disponível em http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/livro_pense.pdf. Acesso em 21 Ago. 2015.

LEI N. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Lex: Estatuto da Criança e do Adolescente*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso em 20 Ago. 2015.

MODULO IX – Elaboração de planos de intervenção educacional. Especialização em Direitos Infante-Juvenis no Ambiente Escolar. 2015.

MENESES, Elcio Resmini. **Medidas sócio-educativas: uma reflexão jurídico-pedagógica**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2008.

NETO, A. A. Lopes. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes**. *Jornal de Pediatria*, v.81, n. 5 (supl.), p. S164-S172. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>>. Acesso em 31 de Ago. 2015.

ORTEGA, Rosario e DEL REY, Rosario. **Estratégias educativas para a prevenção da violência**. Brasília/DF: UNESCO, UCB (Universidade Católica de Brasília) e Observatório de Violências nas Escolas (UCB), 2002.

Revista Construir Notícias N. 40, ano 07 / junho 2008 ,p.5,

SPOSITO, M. P. **A Instituição escolar e a violência**. *Cadernos de pesquisa*, São Paulo, v. 104, p. 58-75, 1998.

Doutrina da Proteção Integral e os Princípios Norteadores dos Direitos da Infância e Juventude de Renata Malta Vilas-Bôas. Disponível em: http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=10588&revista_caderno=12. Acesso em 30/11/2015.

<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133967por.pdf>. Acessado em 09/12/2015.
http://www.cnmp.gov.br/portal/images/stories/Comissoes/CSCCEAP/Di%C3%A1logos_e_Media%C3%A7%C3%A3o_de_Conflitos_nas_Escolas_-_Guia_Pr%C3%A1tico_para_Educadores.pdf. Acessado em 09/12/2015.

APÊNDICE

I-Roteiro de entrevista com professores.

I – IDENTIFICAÇÃO
<ul style="list-style-type: none">• Idade:• Sexo:• Função:• Formação:• Tempo de experiência na área que atua:
II – ATUAÇÃO PROFISSIONAL
<ul style="list-style-type: none">• Sobre a questão da violência sofrida por crianças e adolescentes, qual/quais tipo/tipos são frequentemente vivenciados/constatado? Quais as principais demandas / ocorrências?• Quais os procedimentos utilizados para os registros/ tomadas de decisão sobre os casos de violência ocorridos na escola ou no entorno dela?• E, como quais os encaminhamentos adotados para a resolução dos casos de violência (acompanhamento, denúncias)?• Qual sua postura diante dos casos de violência registrados na escola?• Como você define o seu papel e o de cada profissional deste estabelecimento frente as questões que envolvem a violência?• Quais os instrumentos mais utilizados na intervenção das questões referentes minimizar casos de violência entre crianças e adolescentes?• Qual a contribuição do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA na intervenção das questões relacionadas à violência as crianças e adolescentes?
III – PERSPECTIVAS E PROJETOS
<ul style="list-style-type: none">• Você desenvolve, desenvolveu, participa algum projeto que envolva crianças e adolescentes com a temática voltada para questões relacionadas à violência?• Sobre as questões que envolvem crianças e adolescentes e o enfrentamento da violência, quais suas perspectivas, reflexões e idealizações?

II- Roteiro de entrevista com o vigia

I – IDENTIFICAÇÃO
<ul style="list-style-type: none">• Idade:• Sexo:• Tempo de trabalho na escola:
<ul style="list-style-type: none">• Quais os atos de violência entre alunos que ocorrem com mais frequência nesta escola?• Que postura você e os profissionais da educação adotam diante de casos de violência aqui ocorridos.• Na sua opinião, o que poderia ser feito para melhorar as questões relacionadas a violência nesta escola

III- Roteiro de entrevista com aluno

I – IDENTIFICAÇÃO
<ul style="list-style-type: none">• Idade:• Sexo:• Tempo na escola:• Série:
II – CONCEITO VIOLENCIA
<ul style="list-style-type: none">• O que você entende como sendo um ato de violência?• Já apelidou ou foi apelidado por alguém na escola? Isso incomoda?• Já ocorreu com você ou presenciou os seguintes fatos: humilhação ameaça constrangimento? Que fatores tenham motivado isso?
III – POSTURA NOS CASOS DE VIOLENCIA
<ul style="list-style-type: none">• Professores ou funcionários interferem quando as ofensas, brigas acontecem? O que fazem?• Acha correta a postura dos profissionais da educação no caso da violência dentro da escola? Em seu ponto de vista, o que poderia ser melhorado? Que tipo de decisões ou ações deveriam ser tomadas?• Quando ocorre algum tipo de violência com os alunos, que postura toma os pais quando os filhos se envolvem em questões como estas?• Se estivesse ao seu alcance, o que faria para combater a violência na escola?